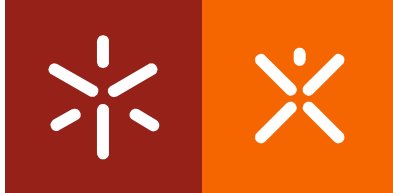




Universidade do Minho
Instituto de Educação

Catarina Daniela Rodrigues Abreu

Como sensibilizar as crianças para mudança de comportamentos que contribuam a melhoria da vida do nosso planeta?



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Catarina Daniela Rodrigues Abreu

**Como sensibilizar as crianças para mudança
de comportamentos que contribuam a
melhoria da vida do nosso planeta?**

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação da

Doutora Carla Maria de Faria Alves e Pires Antunes

DECLARAÇÃO

Nome: Catarina Daniela Rodrigues Abreu

Endereço eletrónico: catarinaabreu02@gmail.com

Telefone: 913748146

Número do Bilhete de Identidade:

Título do Relatório: Como sensibilizar as crianças para mudança de comportamentos que contribuam a melhoria da vida do nosso planeta?

Supervisora: Professora Carla Maria Faria Alves Pires Antunes

Ano de Conclusão: 2018

Designação do Mestrado: Mestrado em Educação Pré-Escolar

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, __/__/__

Assinatura: _____

Agradecimentos

À docente supervisora Carla Antunes, pela excelente orientação, apoio e carinho, motivando a continuar e partilhando novos conhecimentos e experiências.

À instituição por me ter acolhido com muito carinho e atenção.

Às Educadoras cooperantes e às auxiliares de ação educativa, pela forma como me receberam, pelo apoio, a ajuda e os conselhos dados durante todo o meu estágio.

Às crianças por todo o empenho e respeito e por toda a ajuda em todo o projeto.

Aos meus pais e irmão por terem sempre acreditado que eu era capaz e por me terem dado sempre força e conselhos para continuar esta caminhada.

Ao meu namorado por ter acompanhado todos os momentos do meu percurso académico, pela confiança que depositou em mim, pelo apoio e ajuda na realização dos materiais.

Às minhas amigas, Leonor, Daniela e Débora por toda a força e amizade durante todo o meu percurso, incentivando-me sempre com palavras motivadoras.

Às minhas companheiras de estágio, pelas conversas e pela escuta ao longo de todo o estágio.

Resumo

O presente relatório de estágio ocorreu no âmbito da Prática de Ensino Supervisionado (PES) do Mestrado em Educação Pré-escolar da Universidade do Minho e, ao longo de quatro meses, esta prática foi sendo trabalhada na valência de jardim de infância. A partir da observação desenvolvida no referido contexto foi possível recolher informações sobre os interesses e necessidades do grupo e, desse modo, perceber a atenção e curiosidade que manifestavam relativamente a temas relacionados com a proteção do meio ambiente. Assim, decidimos que o tema central do nosso projeto de intervenção pedagógica deveria abordar questões relacionadas com a Sustentabilidade Ambiental, sendo, por isso, o título do nosso projeto: “Como sensibilizar as crianças para a mudança de comportamentos que contribuam a melhoria da vida do nosso planeta?”

Tendo como objetivo principal a aquisição de conhecimentos e a consciencialização para com os cuidados com o meio ambiente, por parte das crianças, a planificação de todas as atividades foi pensada, de modo a responder aos seus interesses e curiosidades. Procurou-se, sempre, realizar atividades de carácter diversificado, através das quais as crianças tivessem a oportunidade de explorar diferentes materiais e realizar experiências que lhes permitissem uma construção articulada do saber. A concretização do projeto de intervenção pedagógica só foi possível graças ao envolvimento e participação ativa do grupo de crianças em todas as atividades propostas.

Com o desenvolvimento deste projeto de intervenção pedagógica, assente na metodologia de investigação-ação, verificou-se uma mudança de comportamento, por parte das crianças, relativamente à sua ação para com o meio ambiente. Realizaram novas aprendizagens através da exploração de atividades diversificadas, globalizantes e integradas, as quais procuraram, sempre, apoiar as suas escolhas, descobertas e sugestões. Este projeto permitiu, igualmente, o meu aprofundamento de conhecimentos e práticas importantes, enquanto futura profissional no âmbito da educação de infância.

Abstract

This report of training course took place in the scope of practice of Supervised Education (PES) of the master's degree in pre-school Education at the University of Minho and, over the course of four months, this practice was being crafted in Valencia of kindergarten. From observation developed in that context it was possible to gather information on the needs and interests of the group and, in this way, to perceive the attention and curiosity that manifested with regard to issues related to the protection of the environment. So, we decided that the main theme of our project of pedagogical intervention should address issues related to environmental sustainability, and the title of our project: "How to sensitize children to the change of behaviors that contribute to improving the life of our planet?"

Having as main objective the acquisition of knowledge and awareness with the care for the environment, on the part of children, the planning of all activities has been conceived, in order to respond to your interests and curiosities. It was, always, diverse character activities, through which the children had the opportunity to explore different materials and conduct experiments that allow them an articulated construction of knowledge. The achievement of pedagogical intervention project was only possible thanks to the involvement and active participation of the group of children in all the proposed activities.

With the development of this educational intervention project, based on the methodology of action research, there has been a change in behavior on the part of children, regarding your action for the environment. Performed new learning through the exploration of diverse, comprehensive and integrated activities, which always sought to support their choices, findings and suggestions. This project also allowed my deepening of important knowledge and practices, while professional future in childhood education.

Índice

Agradecimentos	Pág. 3
Resumo	Pág. 4
Abstract	Pág. 5
Introdução	Pág. 7
Capítulo I – Enquadramento teórico	
1. A Educação Ambiental no Pré-Escolar	Pág. 8
1.1 Do pensamento consciente à Educação Ambiental	Pág.10
1.2 O papel do educador na cultura da sustentabilidade	Pág.12
1.3 As crianças como dinamizadoras de Mudança Ambiental	Pág. 14
Capítulo II – Caraterização do contexto de Intervenção e Investigação	
2.1 Caraterização geral do Contexto	Pág. 15
2.2 Caraterização da valência de Jardim de Infância	
2.2.1 Caraterização do Grupo de Crianças	Pág. 15
2.2.2 Caraterização da Rotina Diária	Pág. 16
2.2.3 Caraterização e organização do espaço e dos materiais	Pág. 19
Capítulo III – Projeto de Intervenção Pedagógica	
3. Identificação da problemática	Pág. 21
3.1 Objetivos definidos	Pág. 22
3.2 Estratégias de Intervenção Pedagógica	Pág. 23
3.3 Metodologia convocada	
3.3.1. Técnicas e Instrumentos de recolha de dados	Pág. 24
3.4. Descrição da Intervenção Pedagógica	Pág. 25
3.5. Avaliação da Intervenção Pedagógica	Pág. 31
Capítulo IV – Reflexão Final	Pág. 32
Referências Bibliográficas	Pág. 34

Índice de Figuras

Figura 1 – Tabela da rotina diária

Figura 2 – Exploração dos materiais

Figura 3 – Construção dos cartazes

Figura 4 – Rasgagem do papel

Figura 5 – Realização da pasta de papel

Figura 6 – Moldagem da pasta

Figura 7 – Apresentação das imagens

Figura 8 – Exploração do jogo da memória

Figura 9 – Capa do livro “O caso do saco”

Figura 10 – Sequencialização da história

Figura 11 – Exploração dos materiais

Figura 12 – Animais construídos

Figura 13 – Exemplo de um trabalho

Introdução

O presente relatório de estágio ocorreu no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionado do Mestrado em Educação Pré-escolar na Universidade do Minho e apresenta o projeto de intervenção pedagógica desenvolvido numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), na valência de jardim de infância.

Em termos de estratégia metodológica iniciou-se o percurso da prática pedagógica por uma observação da organização do espaço e do tempo educativo, das práticas desenvolvidas no contexto e das interações entre as crianças e a equipa educativa. É importante, nesta fase de

observação, que o educador obtenha um conhecimento aprofundado da criança, de forma a analisar e a considerar um melhor planeamento e avaliação, sendo capaz de atender à individualidade de cada uma.

A partir dos diversos registos que se iam obtendo, e que iam despertando o nosso interesse em relação ao contexto em observação, quer relativamente ao grupo de crianças, quer em relação ao espaço e à equipa educativa, tivemos a possibilidade de conhecer os diversos aspetos associados a cada criança e o seu meio envolvente, bem como, relativamente às práticas realizadas pela educadora.

O Projeto de Intervenção Pedagógica teve, assim, como objetivo principal, sensibilizar as crianças para uma mudança de comportamentos para com o meio ambiente, valorizando sempre as suas explorações e aprendizagens fundamentando-as “numa perspetiva sistémica e numa abordagem orientada para a solução de problemas” (Giordan & Souchon, 1997).

Este relatório de estágio organiza-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo diz respeito à Educação Ambiental no Pré-escolar, reforçando o pensamento e o papel das crianças como dinamizadoras da mudança e o papel do educador nesta abordagem.

O segundo capítulo incide sobre a caracterização do contexto de intervenção no Jardim de Infância, no que diz respeito ao grupo de crianças, ao espaço pedagógico e à rotina diária.

No terceiro capítulo é descrito o Projeto de Intervenção Pedagógica realizado na valência de Jardim de Infância. Será abordada a problemática a trabalhar, descrevendo-se, para tal, todas as estratégias e intervenções realizadas e sendo feita, no final uma avaliação de todo o processo.

No quarto capítulo é feita uma reflexão final acerca das intervenções pedagógicas que foram desenvolvidas durante o estágio. Serve também, este último capítulo, para refletir sobre as variadas aprendizagens que foram sendo construídas no contexto, o papel do educador, e o modelo de trabalho adotado para a nossa intervenção com o grupo de crianças.

Capítulo I – Enquadramento teórico

1. A Educação Ambiental no Pré-Escolar

A Educação Pré-Escolar caracteriza-se por ser um espaço e um tempo onde a criança desenvolve competências, de forma ativa, pela promoção do sentido de segurança e de

autoestima, apoiando as suas escolhas e explorações, favorecendo a sua autonomia, aprendizagens e compreensões do mundo que a rodeia. Estas aprendizagens são adquiridas e desenvolvidas pela criança em contexto familiar ou jardim de infância e vão-se diversificando gradualmente. Tal como refere as OCEPE, no que diz respeito ao percurso educacional da criança, este decorre de um processo concentrado na observação, no planeamento, ação e avaliação sustentado pelo educador, em função de todas as práticas e atendendo às características específicas de cada um.

Sendo que nesta fase uma das características das crianças é aprender através da ação, torna-se necessário não só um desenvolvimento ativo ao nível psicomotor, como também ao nível cognitivo e afetivo, de forma a que sejam concretizadas diversas atividades relacionadas com o meio ambiente. Esta educação pode ser entendida segundo Reis (2008, p.15) como “o estudo, a interpretação e a aprendizagem sobre nós mesmos e o ambiente que nos rodeia, através dos sentidos e da exploração pessoal”. Experiências de exploração, de verificação e de investigação requerem na criança competências comunicativas, de compreensão e de resolução de problemas. Jacobi (2003, p.192) ressalta que “a educação ambiental assume cada vez mais uma função transformadora”. A percepção e a compreensão de que o educando é parte integrante do meio ambiente, fez com que a maioria entendesse a relação entre cada ação e o que ocorre no meio ambiente, provocando reações no modo de vida destes. Nesta perspetiva Glauert (2005) refere que no Jardim de Infância se deve recorrer a práticas experimentais, tendo por base diversas conceções como conhecer e compreender conceitos e desenvolver atitudes científicas, possuir capacidades aquisitivas, organizacionais, criativas, manipulativas e comunicativas e interpretar o desenvolvimento da natureza e dos seus processos.

Nos últimos anos o elevado desenvolvimento tecnológico e o grande crescimento populacional promoveram um aumento dos recursos naturais, o que levou a que este uso provocasse danos ambientais no planeta, havendo a necessidade de procurar novas formas e práticas para diminuir os desastres causados no meio ambiente. A educação ambiental representa um ramo da educação cujo objetivo é a divulgação do conhecimento sobre o meio ambiente, com o propósito da sua preservação e utilização sustentável. É um processo regular onde a comunidade toma consciência do seu meio envolvente e obtém conhecimentos e valores que a torna capaz de praticar ações na busca de respostas para as questões ambientais presentes e futuras.

A crescente atenção que foi recaindo sobre o meio ambiente fez emergir a educação ambiental e a consciencialização da sua importância no processo de formação cívica e crescimento do ser humano, visto que é desde cedo que este deve ser sensibilizado e aprender a responsabilizar-se e a preservar a natureza, uma vez que ele próprio é um agente transformador que contribui para a sobrevivência do meio ambiente. A educação ambiental surge como uma proposta educativa para debater teorias e práticas que visam estabelecer uma harmonia entre o ser humano e a natureza, procurando potencializar, no educando, uma consciência sobre as questões ambientais, de forma a que este reflita sobre elas individual e coletivamente. Bigliardi e Cruz (2008) enfatizam que a inserção da Educação Ambiental nos currículos escolares, desde os primeiros anos do ensino formal, é de vital importância formação do novo sujeito. É mais fácil sensibilizar uma criança do que um adulto. A criança ainda está em formação e é mais fácil moldá-la com conceitos ecologicamente corretos.

A educação ambiental relaciona-se, também, com a educação para a cidadania e é através desta que a criança se confronta com questões relacionadas com a sociedade e com os seus diferentes contextos, onde aprende e desenvolve práticas que a auxiliam na percepção da importância do respeito para com o meio ambiente que a rodeia. Do mesmo modo, pelas interações com os outros, a criança toma consciência sobre o que faz bem e o que prejudica o meio ambiente e sobre as atitudes e comportamentos corretos, conseguindo, por vezes, mudar as mentalidades dos que lhes são mais próximos, relativamente às questões ambientais.

É a partir do Pré-escolar que a criança deverá vivenciar experiências e contextos diversificados, refletindo sobre os mesmos para que estes lhes possam proporcionar oportunidades de estimular a sua curiosidade e interesse pelo mundo ao seu redor, adquirir novas conceções e percepções enquanto desenvolve o gosto pelo ambiente. Através destas situações, a criança desenvolve o seu interesse em observar e em tentar compreender a natureza e os fenómenos que nela acontecem.

1.1 Do pensamento consciente à Educação Ambiental

Aprendemos com os outros, através das relações que com eles estabelecemos, bem como com o meio ambiente, manuseando objetos, utilizando-os, reconstruindo-os e convertendo-os em

termos de formas e funcionalidades. É importante que a educação ambiental faça parte da formação do ser humano, a todos os níveis, contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal e progressivo aumento da sua visão do mundo. Uma pessoa age e estabelece uma relação com a natureza, reproduzindo práticas, costumes e valores adquiridos pela sociedade da qual faz parte.

Nesta perspectiva, no sentido da aquisição de uma consciência ambiental cívica, existe a necessidade de formalizar sistemas educativos que tenham em consideração o valor que a educação ambiental requer como recurso pedagógico. Para tal, é indispensável o recurso ao uso de objetos e de situações do mundo real como meio de aprendizagem e de crescimento pessoal.

A educação ambiental surge com o intuito de discutir a relação que existe entre a natureza e a sociedade e da necessidade de intervir com componentes educativas essenciais que desencadeiem ações conscientes e críticas, de posturas a adotar para com o meio ambiente. Trata-se de um processo educacional que estimula o pensamento crítico e provoca/incita a uma reflexão acerca da participação consciente em ações transformadoras. Nesse contexto, o pensamento consciente da criança, objetiva-se na sua capacidade de saber reconhecer os seus direitos e as suas responsabilidades, contribuindo para a mudança de hábitos e atitudes, tornando-se sujeitos ecológicos. Como refere Mrazek (1993, p.11):

a educação ambiental visa o desenvolvimento nos cidadãos da capacidade e motivação para se envolverem na investigação, na resolução dos problemas, na tomada de decisões e na realização de ações concretas que, ao garantirem a elevada qualidade do ambiente, estejam a garantir uma elevada qualidade de vida.

A prática educativa deve desenvolver e estimular na criança a capacidade de ação, promover nelas aptidões para adquirirem competências para a ação. O contexto deve proporcionar às crianças a oportunidade de estas perceberem valores e ideias construtivas acerca do meio ambiente e, nesse contexto, escolherem e agirem de acordo com as suas convicções, para que tomem medidas e transmitam, elas próprias, esses valores e ideias edificantes acerca do meio ambiente.

A educação ambiental proporciona uma prática consciente relacionada com o desenvolvimento de competências de literacia científica, com atitudes de resposta eficaz aos desafios propostos pela sociedade e com uma participação ativa e responsável na tomada de decisões.

A Educação Pré-Escolar estabelece um tempo, um espaço e a oportunidade para as crianças vivenciarem uma grande variedade de experiências, umas mais organizadas do que

outras, contudo dependendo da intencionalidade e da metodologia utilizada pelo educador, podem promover o questionamento, a reflexão e o pensamento crítico.

1.2 O papel do educador na cultura da sustentabilidade

Diante de todas as mudanças ambientais que vão acontecendo no mundo pelas variadas atividades humanas que prejudicam o ambiente, é fundamental começar a trabalhar a educação ambiental, em contexto de Jardim de Infância, sensibilizando as crianças, desde cedo, para as questões da sustentabilidade ambiental. Para tal, é crucial que as instituições educacionais assumam a educação ambiental como um princípio fundamental, contribuindo, desse modo, para que as crianças se transformem em cidadãos conscientes e respeitadores em relação ao meio ambiente, está-se a sensibilizar para uma participando, ativamente, na defesa do ambiente e da vida em comunidade.

A consciência da importância da sustentabilidade ambiental, influencia o ser humano-e determina as suas ações pessoais, em prol dos cuidados a ter com o ambiente e as suas repercussões no presente e no futuro da sociedade. Assim, a educação ambiental assume, cada vez mais, um papel importante na construção de uma consciência coletiva e transformadora do mundo.

O papel do educador é importante pela forma como pode e deve envolver as crianças, enquanto cidadãos ativos e críticos, que se devem relacionar com a natureza compreendendo a responsabilidade das ações de cada um e de todos, no uso dos recursos naturais. Segura (2001, p.21) afirma que:

A escola foi um dos primeiros espaços a absorver esse processo de “ambientalização” da sociedade, recebendo a sua cota de responsabilidade para melhorar a qualidade de vida da população, por meio de informação e conscientização.

Para despertar o envolvimento das crianças é necessário que o educador explore os conhecimentos já adquiridos por elas, ajudando-as a compreender os problemas ambientais, numa conceção construtivista, dando-lhes oportunidade de elas próprias idealizarem soluções para a melhoria do meio ambiente. É importante que o educador reforce a ideia da necessidade da mudança de hábitos, criando situações que as leve a ponderarem alternativas e a fazer

escolhas conscientes. Para tal, o educador deve, também, tentar perceber como o contexto familiar das crianças influencia os seus comportamentos quotidianos.

Em termos de estratégias, o educador deve proporcionar situações de observação de fenómenos da natureza e de acontecimentos sociais e promover atividades exploratórias estimulando, nas crianças, o interesse e a capacidade de conseguirem identificar características do meio social e físico. Cabe à instituição e à equipa educativa criar um lugar de constante aprendizagem, onde as crianças são levadas a pensar, a refletir e a superar.

As competências que o educador espera que as crianças desenvolvam, bem como os conhecimentos e as destrezas que se espera que venham a ser usados, por elas, no seu futuro, não podem afirmar-se de forma imediata, mas devem ser trabalhados e apoiados de forma organizada, de maneira a que estas tomem iniciativas, como agentes de mudança, não só do contexto social, mas que também envolvam os pais nessa mudança de comportamentos. São os educadores, que segundo Ab'Saber (1991), citado por Santos (2011, p.47):

por terem contato permanente com os filhos das comunidades e suas realidades, melhor podem captar e trabalhar com problemas socio ambientais quotidianos através da educação ambiental, visando a melhoria das condições ambientais e sociais da região e da população.

A utilização de uma linguagem correta e concreta é fundamental para que as crianças construam aprendizagens significativas, já que esta é uma componente essencial na compreensão de conceitos. É por meio desta construção das aprendizagens, interligadas com a observação e a experimentação, que a criança incorpora os conhecimentos que já adquiriu. A sua procura de explicações para as variadas situações do quotidiano que lhe vão despertando curiosidade, permite-lhe desenvolver a capacidade de refletir de forma crítica e participativa. Como refere Reis (2008, p.18):

as crianças possuem estruturas cognitivas constituídas por uma rede de conhecimentos interligados. Estas redes vão sendo ativamente construídas através das experiências vividas pelas crianças ao longo da sua vida.

Pela experimentação a criança tem oportunidade de colocar questões, construir conhecimentos e confrontar opiniões e soluções.

O educador, pelo desafio intelectual constante que promove, na criança, ajuda-as na aquisição de competências de compreensão, interpretação, previsão e resolução de problemas.

1.3 As crianças como dinamizadoras de Mudança Ambiental

A Educação Pré-escolar é o contexto que convoca, para o bem-estar da criança, todas as suas vivências: com a família, com o contexto educativo, com o meio físico e social, com o mundo que a rodeia. É neste ambiente que a criança tem a oportunidade de experimentar e de viver novas experiências, procurando respostas e soluções para as suas interrogações. Como referem Galvão, Reis, Freire e Oliveira (2006, p.16):

(...) pretende-se desenvolver ambientes de aprendizagem onde a observação, a experimentação, a previsão, a dúvida, o erro, estimulem os alunos no seu pensamento crítico e criativo.

As crianças, desde muito cedo, expressam uma enorme curiosidade pelo meio que as rodeia, compreendendo-o através das suas próprias brincadeiras, da interação com os outros, da exploração dos espaços e da manipulação dos objetos e materiais diversos, ao seu alcance.

Pelas vivências proporcionadas através da Educação Ambiental, a criança amplia o seu gosto pela observação e pela exploração, esforçando-se por compreender os diferentes acontecimentos do seu dia a dia. Ao compreenderem os fenómenos de forma correta, constroem aprendizagens significativas e elaboram uma estruturação dos conceitos de forma organizada e completa. Se desde cedo é proporcionada à criança uma educação que passa por uma sensibilização às diversas ciências naturais e sociais, no sentido do Conhecimento do Mundo, ela desenvolve competências que a auxiliam na procura de respostas às suas curiosidades do quotidiano, desenvolvendo competências de reflexão crítica e científica. A participação das crianças no contexto educativo e na comunidade proporcionam-lhes autoestima, sentido de responsabilidade e capacidade de tomada de decisões, fazendo com o seu contributo e a mudança de comportamentos tenham impacto no meio ambiente.

Orientando-se para a Educação Ambiental, a participação pode definir-se como “todo o processo de implicação direta das pessoas no conhecimento, na valorização, na prevenção e na correção dos problemas ambientais” (De Castro, 1998, p.32).

São muitas as definições que a educação ambiental agrupa, mas todas elas têm em comum a preocupação de compreensão, consciencialização e adoção, por parte das crianças, de valores, atitudes e comportamentos adequados para com o meio ambiente, podendo vir a ter, desse modo, um papel crucial no futuro. Como sugere Sutherland e Ham (1992), os problemas globais do ambiente devem ser revelados às crianças, pois são elas o ‘auditório’ privilegiado das

mensagens ambientais, uma vez que são os futuros líderes de opinião e os futuros gestores do planeta.

As crianças podem atuar como dinamizadores da mudança social, tanto no contexto socioeducativo em que estão inseridos, como no meio familiar. Caracterizá-las como “agentes” de mudança significa que têm um efeito positivo na aquisição de conhecimentos e mudança de comportamentos e atitudes dos adultos, relativamente às questões ambientais. Como defende Moscovici (1976), “o conhecimento não nos é dado, mas sim socialmente construído”.

Capítulo II – Caracterização do contexto de Intervenção e Investigação

2.1 Caracterização geral do Contexto

A instituição cooperante onde foi realizado o estágio profissional na valência de Jardim de Infância trata-se de uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), situada na cidade de Braga, e que tem a seu cargo as vertentes de creche, de jardim de infância e de ATL.

Fundada em 1849, esta instituição trabalha no sentido de acompanhar e encontrar solução para as questões sociais do interesse da comunidade, procurando dar respostas às necessidades educativas e promovendo o apoio a uma educação integral das crianças, no sentido de um desenvolvimento progressivo e crescente em todas as suas dimensões. Além das diversas valências que a instituição possui, como a creche e o ATL, esta também presta múltiplos serviços e atividades de caráter desportivo e cultural.

A valência de jardim de infância abrange seis salas, compreendidas entre duas salas de três anos, duas de quatro anos e por fim duas de cinco.

2.2 Caracterização da valência de Jardim de Infância

2.2.1. Caracterização do Grupo de Crianças

A nossa intervenção pedagógica, no âmbito da Prática de Intervenção Supervisionada, foi desenvolvida numa sala com vinte e seis crianças, com idades compreendidas entre os cinco e os seis anos, sendo que dez eram do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino, a cargo de uma educadora de infância e de uma auxiliar de ação educativa.

Na seleção e na escolha das diversas atividades o grupo manifestava interesse diversificados e envolvia-se com prazer na realização das atividades propostas pela educadora.

No momento das escolhas livres demonstravam, normalmente, maior interesse pela expressão plástica e pela área da casa. Revelaram diferenças e singularidades ao nível do desenvolvimento, identificando-se crianças mais desenvolvidas em diferentes aspetos, do que outras. Eram, de um modo geral, crianças sociáveis, participativas e comunicativas, com sentido de responsabilidade e de independência na realização das diversas tarefas do quotidiano. Diariamente, era selecionado um responsável que auxiliava a educadora nas tarefas de rotina.

A relação entre a equipa educativa e o agregado familiar era muito agradável e próxima, mantendo-se, estes últimos, sempre acessíveis e interessados em todos os projetos pedagógicos propostos. O grupo de crianças e as suas famílias mantinham um papel participante no projeto socioeducativo da instituição, cujo tema, como já antes mencionado, era o meio ambiente, trazendo, por iniciativa própria, trabalhos realizados em casa relacionados com o tema.

2.2.2. Caracterização da Rotina Diária

A rotina diária da sala tinha um determinado ritmo que, ao longo do tempo, foi sendo assimilado pelo grupo de crianças. Esta estava organizada previamente pela Educadora da seguinte forma:

Rotina Diária
<ul style="list-style-type: none">• Recepção das crianças/ Acolhimento• Canção dos “Bons dias” – Marcação das presenças• Lanche da manhã• Higiene• Início das atividades orientadas• Higiene• Almoço• Tempo de espaço exterior• Início das atividades de escolha livre• Higiene• Lanche da tarde• Tempo de espaço exterior• Entrega das crianças

Figura 1 – Tabela da rotina diária

Quando numa sala se proporciona um tempo diário para que as crianças explorem os seus interesses e conhecimentos, está-se a dar-lhes oportunidades para porem em prática as suas ideias e realizarem ações, possibilitando uma aprendizagem ativa. Tal como referem Craidy e Kaercher (2001, p.68):

Todos os momentos, sejam eles desenvolvidos nos espaços abertos ou fechados, deverão permitir experiências múltiplas, que estimulem a criatividade, a experimentação, a imaginação, que desenvolvam as distintas linguagens expressivas e possibilitem a interação com outras pessoas.

Em jardim de infância é fundamental haver uma rotina diária, mas que seja flexível, de tal forma, que permita modificar a sequência geral dos acontecimentos, gerando a diversidade de modo organizado e ajustado aos interesses e necessidades das crianças. Para tal, é importante que a educadora conheça e saiba respeitar o tempo individualizado de cada criança e consiga, igualmente, desenvolver um tempo diário coletivo que se adapte a todas as crianças do grupo.

Os momentos de acolhimento das crianças, no início do dia, e dos pais, no final do dia, coincidem com o primeiro e o último momento de cada rotina e, variam sempre em função do funcionamento de cada instituição, do seu horário e do local onde este é feito, bem como, do modo como as crianças e os pais são acolhidos e o que desenvolvem em ambos os períodos. Muitas vezes, a educadora está presente na receção e na despedida das crianças e, nestes momentos, deve dar apoio às crianças e às suas famílias, para que todos se sintam seguros no processo de separação e de reencontro.

No que diz respeito à Instituição onde desenvolvemos a PES, na fase inicial do dia o grupo e a educadora começavam por cantar a música dos bons dias, nomeavam o responsável e marcavam as presenças e a data. Em seguida havia o chamado momento do conto das novidades, em que cada criança contava uma novidade do dia anterior e era dado o lanche da manhã, geralmente composto por uma peça de fruta. Esta rotina permitia que as crianças desenvolvessem momentos de diálogo, de partilha e de escuta de experiências individuais.

Posteriormente seguia-se o momento de atividades orientadas pela educadora, atividades estas, planeadas previamente, com o intuito de as crianças contactarem com materiais diversificados e interagirem entre elas. Desse modo, as crianças tinham a perceção da sucessão de atividades a desenvolver, bem como da duração de cada uma e os seus objetivos, tornando-se, assim, autónomas e participantes, podendo elas próprias planear o que iriam fazer. Tratavam-se de momentos diversificados e preponderantes que caracterizavam o modelo pedagógico

implementado: a criança planeava o que iria fazer, realizava as suas ações e, por último, partilhava a sua produção.

Independentemente da prática educativa a ser trabalhada existiam atividades propostas pela educadora com objetivos concretos e, por isso, realizadas em grande ou em pequeno grupo.

Seguia-se, então, o tempo da higiene, momento este realizado várias vezes ao longo do dia, em que as crianças se dirigiam, em grupo, à casa de banho, onde lavam as mãos e, as que necessitavam, faziam as suas necessidades. Posteriormente, as crianças dirigiam-se para o refeitório, onde se sentavam nos seus lugares para almoçar.

Logo após o almoço, quando as condições atmosféricas o permitiam, as crianças iam brincar para o espaço exterior. Segundo Hohmann & Weikart (2003, p.231), “este tempo permite às crianças brincarem juntas, inventar os seus próprios jogos e regras e familiarizarem-se com os ambientes naturais, assim como permite também aos adultos observar e interagir com as crianças num contexto que as faz sentirem-se confortáveis”. Porém, se tal não fosse possível, eram conduzidas para o salão de acolhimento, onde brincam ou viam um filme.

No período da tarde, se não houvesse uma continuidade das atividades orientadas da parte da manhã ou não surgisse uma proposta, por parte da educadora, de uma atividade com uma intencionalidade educativa específica, era proporcionado, às crianças, um tempo de escolha livre, no que diz respeito à exploração das áreas. Este tempo, segundo o Modelo High/Scope, é designado como planear - fazer - rever, que permitia que cada criança escolhesse a área que queria explorar, referindo verbalmente, qual a escolhida. Após brincarem livremente, realizava-se a revisão do que tinham feito nas áreas, através das suas verbalizações. Esta revisão nem sempre era possível ser feita, o que se tornava desvantajoso para as crianças, pois nesta fase estas desenvolvem a linguagem oral e refletem sobre as suas ações.

Para finalizar o dia, as crianças voltavam ao refeitório para realizarem o momento do lanche em conjunto e, posteriormente, encaminham-se para o salão onde aguardavam pela chegada do familiar que a iria buscar. Muitas vezes, ao invés de se deslocarem para o salão, o grupo era conduzido até à sala de atividades onde as crianças contavam histórias, explorando, deste modo, a interação entre a linguagem falada e a linguagem escrita.

Fazia parte da rotina diária um conjunto de atividades extracurriculares, tais como a música, a dança, o inglês e a educação física, nas quais todas elas estavam inscritas.

2.2.3. Caracterização e organização do espaço e dos materiais

Cabe ao educador de infância a tarefa de organizar o ambiente educativo, através da criação de diferentes áreas de interesse para, assim, proporcionar oportunidades de aprendizagem significativas para as crianças.

“A organização constitui o suporte de desenvolvimento curricular, pois as formas de interação no grupo, os materiais disponíveis e a sua organização, a distribuição e utilização do tempo são determinantes para o que as crianças podem escolher, fazer e aprender.” (OCEPE, 2016, p.24)

No pré-escolar a criança descobre o mundo explorando o mundo à sua volta. Na sala de atividades aprende a socializar-se com os outros, a desenvolver as suas capacidades, a partilhar saberes e conhecimentos. Assim, o espaço da sala de atividades deve ser, tal como salientam Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013, p. 44),

um lugar de bem-estar, alegria e prazer, um espaço aberto às experiências plurais e interesses das crianças e das comunidades. Um espaço pedagógico aberto à natureza que se caracteriza pelo poder comunicativo da estética, o poder ético de respeito por cada identidade pessoal e social, refúgio seguro e amigável, aberto ao brincar e aprender, garante da aprendizagem cultural.

No contexto onde desenvolvemos a PES, o espaço da sala estava organizado de maneira a que as crianças desenvolvessem as suas competências e necessidades. Possuía boa iluminação, havendo quatro janelas amplas de um dos lados, permitindo a entrada de bastante luz natural com pavimento confortável, mas não dispunha de almofadas nem superfícies macias, apenas a área da leitura dispunha de dois sofás para se sentarem, confortavelmente, a ler um livro. Tinha dois placares de cortiça e de cordas espalhadas pela sala, onde eram expostos os trabalhos das crianças, o que se considera bastante significativo, pois assim as crianças tinham acesso aos seus projetos e às suas produções.

Era uma sala que dispunha de algum espaço para as crianças trabalharem e brincarem e que se organizava em seis áreas definidas para brincar: a área da casa, a área das ciências, a área da biblioteca, a área dos jogos, a área das construções e, por fim, a área da expressão plástica. Cada uma estava devidamente identificada e todos os materiais estavam etiquetados de maneira a haver um fácil acesso a tudo, por parte das crianças, sem ser necessário o auxílio do adulto. No que se refere ao número de crianças permitidas em cada área, estas eram divididas

entre grupos de quatro a cinco crianças por cada uma, à exceção da área das ciências, onde apenas eram permitidas duas crianças, pois este era um espaço reduzido.

A área da biblioteca situava-se ao lado das amplas janelas da sala, de modo a que as crianças possuíssem boa iluminação para explorarem os livros. Era uma área de fácil acesso, onde estavam incluídos uma estante de livros, dois sofás, caixas com letras e números e um quadro para escrever. De referir que, de um modo geral, os livros estavam em muito bom estado, o que significa que as crianças os respeitavam e manuseavam com o cuidado devido. A área das ciências encontrava-se a um canto da sala e dispunha de um armário que reunia os materiais e de uma mesa com dois bancos. Esta era rica em materiais ligados a este domínio, isto é, tinha um globo, um microscópio, variados materiais sobre o corpo humano e livros. As crianças revelavam muito interesse neste espaço e solicitavam muitas vezes o auxílio para responder às dúvidas que lhes iam surgindo ao longo das brincadeiras.

Relativamente à área dos jogos, esta tinha um armário e situava-se perto da área da expressão plástica. Contava com diversos materiais, como jogos de encaixe, puzzles e jogos de cartas, porém não tinha muito espaço para as crianças os explorarem, tendo estas que se deslocarem a uma mesa ou a um espaço vazia na sala. Quanto à área da expressão plástica, esta encontrava-se também ao lado das janelas da sala. Tinha um armário diversos materiais de pintura como lápis, tintas e marcadores, plasticinas e outros acessórios. Estava também incorporado nesta um cavalete grande que permitia a três crianças fazerem pinturas em simultâneo.

A área das construções estava organizada com diversas prateleiras e usufruía de um espaço amplo para as crianças a explorarem. Era composta por diferentes materiais de construção, como blocos, materiais de separar e encaixar, pistas e legos, equipamentos de encher e esvaziar, caixas, cestos e carros. Completando o conjunto de áreas, inclui-se a da casa, a qual também usufruía de um vasto espaço para as crianças a explorarem. Comportava diversos materiais como uma cama, uma cozinha com utensílios, bonecos e variados acessórios, dando às crianças a oportunidade de desenvolverem inúmeras brincadeiras.

O espaço estava, no geral, devidamente organizado, permitindo uma aprendizagem ativa, distribuído por várias áreas de interesse, permitindo a manipulação de materiais variados, tornando-se apelativo e estimulante para que cada criança tivesse a oportunidade de experienciar

atividades diversificadas. Era um espaço que permitia que as crianças se envolvessem nas diversas experiências-chave de aprendizagem (Hohmann e Weikart, 2011).

Relativamente ao espaço exterior, este era de fácil acesso a partir da área interior, uma vez que ao lado da sala de atividades existia uma porta de acesso ao exterior. Este era bastante amplo e extenso e dispunha de diversas estruturas adequadas à faixa etária das crianças. Era composto por um pavimento sintético, relva e árvores à sua volta, com várias infraestruturas seguras que proporcionavam às crianças um lugar agradável e diversificado. Existiam duas áreas exteriores distintas: a primeira estava dividida por dois parques infantis que continham algumas estruturas como escorrega, baloiços e sobe e desce; na segunda havia uma caixa de areia que continha diversos brinquedos e era rodeada por árvores. O lado direito da zona exterior era composto por um piso em cimento onde as crianças aproveitam para fazer corridas.

O espaço exterior dos parques infantis, era, de um modo geral seguro, pois era constituído por pavimento sintético e relva, o que servia de superfície de amortecimento. Porém, a zona lateral de cimento não apresentava tanta segurança.

Em termos gerais, o espaço exterior proporcionava às crianças as mais diversas possibilidades de explorações, dado que estava organizado de forma apropriada para que estas tivessem a oportunidade de ampliar as suas brincadeiras e atividades.

Capítulo III – Projeto de Intervenção Pedagógica

3. Identificação da problemática

Em contexto de estágio, durante o tempo de observação pude constatar, em diversos momentos, o interesse demonstrado pelas crianças pelas questões do ambiente. Verifiquei, ainda, que o grupo de crianças já possuía alguns conhecimentos sobre a consciência ambiental, a reciclagem e a poluição, recorrendo a livros e desenhos que traziam de casa. Assim, fui registando verbalizações e acontecimentos que revelavam o seu interesse pelo tema e, com base na análise e reflexão dos registos obtidos, surgiu-me a seguinte questão de investigação: “como sensibilizar as crianças para mudança de comportamentos que contribuam a melhoria da vida do nosso planeta?”. Neste contexto, optei por desenvolver o meu projeto de intervenção sobre o tema do ambiente, de forma a poder, também eu, contribuir para a sensibilização das crianças sobre essa

problemática. Procurarei de forma lúdica, envolvê-las em atividades que as ajudem a compreenderem a importância da preservação e respeito pelo meio ambiente envolvente.

(...) uma abordagem, contextualizada e desafiadora ao Conhecimento do Mundo, vai facilitar o desenvolvimento de atitudes que promovem a responsabilidade partilhada e a consciência ambiental e de sustentabilidade. Promovem-se assim valores, atitudes e comportamentos face ao ambiente que conduzem ao exercício de uma cidadania consciente face aos efeitos da atividade humana sobre o património natural, cultural e paisagístico (OCEP, 2016).

Estas aprendizagens dão-se na medida em que as crianças vão compreendendo, através das suas explorações, a dependência dos indivíduos entre si e entre estes e o meio ambiente, sensibilizando-as para a importância da sua posição no mundo e como os seus comportamentos podem causar mudanças neste.

Durante o tempo de observação em contexto de jardim de infância foi-me dada a oportunidade de assistir a tudo o que dizia respeito à valência e ao grupo de crianças com quem iria colaborar. Durante esse período de observação foi possível registar variadas situações de aprendizagem, verbalizações e acontecimentos que despertaram a minha atenção. Dessa forma, identificada, em primeiro lugar, a problemática a trabalhar, foi elaborada uma proposta de projeto de intervenção pedagógica, apoiado numa abordagem de investigação-ação.

Tendo como ponto de partida o projeto curricular da instituição, “A Sustentabilidade Ambiental”, nesta primeira etapa, sustentada pela observação, pelos registos e respetiva análise, percebemos que seria importante sensibilizar as crianças para a importância de uma mudança de comportamentos no sentido de contribuir para o bem-estar do meio ambiente e, conseqüentemente, para a sustentabilidade do planeta em que vivemos. Assim, o tema das questões ambientais foi trabalhado a partir dos interesses das crianças, tendo, para tal, sido selecionadas um conjunto de estratégias de intervenção pedagógica que tinham por principal finalidade apoiar as suas iniciativas de modo a que se envolvessem e participassem ativamente, construindo conhecimentos e materiais que as ajudassem a adquirir noções sobre o tema a ser trabalhado.

3.1 Objetivos definidos

O presente projeto de intervenção pedagógica teve como objetivo principal sensibilizar as crianças para a importância dos nossos comportamentos na preservação do meio ambiente. Em

termos de objetivos específicos era esperado que as crianças fossem capazes de: entender o que são recursos naturais e qual a importância da sua preservação para a vida do planeta; perceber que tipo de lixo é produzido e como pode ser reduzido; compreender a responsabilidade de cada indivíduo para a preservação do ambiente que o rodeia; interiorizar a importância da mudança de hábitos no dia-a-dia de cada um de nós, de forma a desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao meio envolvente, enquanto cidadãos do futuro; distinguir os ecopontos para a reciclagem de embalagens usadas e outros materiais; experimentar fazer a reciclagem de embalagens usadas e outros materiais nos respetivos ecopontos; envolver as famílias nas atividades de reciclagem, valorizando as aprendizagens da criança.

No que diz respeito à minha intervenção pedagógica, os meus objetivos passaram por convocar as estratégias adequadas para que as crianças compreendessem o que são recursos naturais e qual a importância da sua preservação para a vida do planeta; explicar, de forma fundamentada, que tipo de lixo produzimos e como podemos reduzi-lo; selecionar suportes informativos adequados às faixas etárias das crianças, para as sensibilizar para a importância de preservar o meio ambiente e da responsabilidade de cada indivíduo para tal; promover atividades atrativas que ajudassem as crianças a compreenderem a importância da mudança de hábitos no dia-a-dia de cada um de nós, de forma a desenvolverem uma atitude crítica e interventiva relativamente ao meio envolvente, enquanto cidadãos do futuro; promover atividades para que a criança conhecesse e distinguisse cada um dos os ecopontos para a reciclagem de embalagens usadas e outros materiais; promover atividades para que a criança experimentasse fazer a reciclagem de embalagens usadas e outros materiais nos respetivos ecopontos; envolver as famílias nas atividades de reciclagem, valorizando as aprendizagens da criança.

3.2 Estratégias de Intervenção Pedagógica

Em termos metodológicos o projeto de intervenção foi sustentado pela metodologia de investigação-ação. Com a finalidade de envolver todas as crianças no projeto de intervenção é necessário organizar diversas propostas de planificações, de modo a ir de encontro aos interesses e necessidades destas. É fundamental utilizar estratégias metodológicas que permitam a construção e a reconstrução dos conhecimentos com as crianças, de forma lúdica, criativa, participativa e investigativa e que tenha como suporte a envolvência de todo o contexto educativo e o apoio e participação das famílias no processo educativo. Devem ser convocadas, para a realização dos objetivos, estratégias pedagógicas de exploração de materiais, livros ou outros

recursos didáticos. O cotidiano das crianças deve ser a base do processo de pesquisa, aprendizagem e ação, de forma a valorizar e a reconhecer as inter-relações entre estas, considerando a participação de todos. Torna-se importante que hajam propostas de atividades ativas e lúdicas, que proporcionem às crianças, não só o gosto em realizá-las, como também experiências de aprendizagem que lhes permitam desenvolver um conjunto de competências psicológicas, físicas, relacionais e criativas.

Ao procurar a participação das crianças no planeamento das atividades é importante valorizar os seus interesses e identificar e utilizar recursos que motivem as suas aprendizagens. Deste modo, é essencial construir práticas que tornem as experiências prazerosas, tais como, contar histórias, visitas ao exterior, trabalhos e dinâmicas de pequeno e grande grupo e atividades físicas e artísticas. Como salientam Mogensen & Mayer (2009), a educação ambiental implica as crianças enquanto parte ativa do seu próprio processo de aprendizagem, na medida em que elas se preparam e se envolvem nas intervenções com os seus educadores, de forma a encontrarem soluções para problemas ambientais que tenham trabalhado na sala.

3.3 Metodologia convocada

3.3.1. Técnicas e Instrumentos de recolha de dados

Observando as práticas pedagógicas e as diversas interações das crianças desempenhei um papel de observadora e de participante, envolvendo-me na rotina de cada criança e da equipa educativa. Fui realizando, sempre, notas de campo, através de uma série de registos diários e fotografias. Os registos, sob a forma de documentação pedagógica, são um modo de organizar anotações sobre as aprendizagens de cada criança, bem como sobre aspetos da comunidade escolar, permitindo *descrever, interpretar, narrar a experiência, significar e (re)significar* (Azevedo, 2009).

Desta forma, foram adotadas estratégias de recolha e análise de dados, como suporte a toda a intervenção pedagógica. Esta documentação permitiu obter um conhecimento detalhado sobre cada criança, levando a uma planificação da ação sustentada pelas observações e aprendizagens ocorridas. As intervenções foram sendo implementadas com base na observação e na interpretação sobre as aquisições e necessidades de cada criança, escutando-as, a elas próprias, de maneira a elaborar uma melhor prática de intervenção pedagógica.

3.4. Descrição da Intervenção Pedagógica

As atividades realizadas através do Projeto de Intervenção Pedagógica foram suscitadas pelos interesses das crianças relativamente às questões ambientais. Pretendemos, também, determinar que tipo de conhecimentos o grupo de crianças já possuía acerca da consciência ambiental, a reciclagem e a poluição, uma vez que, como já anteriormente referido, o tema do Projeto Curricular da Instituição se prendia com a sustentabilidade ambiental. Assim, pretendeu-se implementar uma variedade de estratégias que sensibilizassem as crianças para as questões ambientais.

A intervenção pedagógica iniciou-se com um momento de exploração de diversos materiais de documentação e investigação, intitulados “como salvar o planeta?”. Houve assim um interesse em preparar e planificar um primeiro momento em que o grupo de crianças pudesse explorar livros, que era um material que tanto apreciavam. Nesta primeira fase da atividade foi perceptível os conhecimentos que as



Figura 2 – Exploração dos materiais

crianças já tinham acerca dos comportamentos a ter para não prejudicar o meio que nos envolve. Com esta informação foi desenvolvida uma atividade em que as crianças, divididas em três grupos, e em função dos livros que manuseavam e das ideias e informações que estes lhes iam fornecendo, escolhiam os temas que queriam ver abordados. O grupo já tinha adquirido conhecimentos sobre “como desligar a água enquanto enxaguamos as mãos” ou “que ecoponto devemos utilizar para cada objeto”. No diálogo estabelecido com cada grupo de crianças surgiram algumas questões para as quais elas não tinham resposta, tais como: quais os diferentes tipos de energia existentes, o que é o ciclo da água, quais os variados procedimentos que podemos ter para poupar água e eletricidade, entre outros.

Neste momento de exploração foram testemunhadas as diversas reações que as crianças iam tendo com os materiais ilustrativos, prestando atenção às diversas imagens que iam observando.

No desenvolvimento da atividade verificou-se que todo o grupo de crianças estava a trabalhar de forma participativa e ativa, e todos partilhavam soluções e explicações que encontravam para as soluções encontradas. Através da pesquisa efetuada pelas crianças foi possível retirar várias ideias para cada temática, promovendo a aquisição de novos conhecimentos e competências, de modo a que cada um os pudesse reproduzir no seu meio ambiente. Este tipo de atividade é

importante para as crianças desta faixa etária, pois estas já possuem destreza na manipulação de livros e, apesar de não saberem ler, reconhecem as imagens e fazem uma associação de ideias a partir delas. No decorrer da atividade foi possível comprovar, não só, as ideias prévias que as crianças já possuíam acerca de comportamentos a ter para com o meio ambiente, mas também que conseguiram adquirir mais conhecimentos que fundamentavam as suas ideias iniciais.

No decorrer das realizações das crianças, cada adulto foi registrando as suas ideias e sugestões, as quais foram compiladas em pequenas frases para que cada grupo criasse o seu cartaz de consciencialização ambiental e o apresentasse aos restantes grupos.

Depois de expostos os materiais ilustrativos no quadro da sala de atividades e já numa atividade direcionada para a sensibilização para com o uso excessivo de papel, as crianças aperceberam-se da quantidade excessiva de papel que era colocado no caixote do lixo. Elas não tinham conhecimento de que era possível criar novos materiais com o papel que era colocado no lixo. Deste modo, introduzimos um novo tema: a reciclagem do papel. Partindo do gosto das crianças pelos trabalhos manuais



Figura 3 – Construção dos cartazes



Figura 4 – Rasgagem do papel

realizou-se inicialmente uma primeira conversa sobre o que devemos fazer com os materiais impressos que já não utilizamos, como os jornais e as revistas. Constatou-se que as crianças não conheciam o processo do papel reciclado, pois nenhuma sugeriu criar papel novo e, ao invés, propuseram criar novos materiais com eles, como aviões ou barcos de papel, pois já sabiam fazê-los. Partindo destas sugestões das crianças procurei interrogá-las se consideravam possível criar papel novo a partir dos jornais e das revistas. Algumas crianças responderam afirmativamente e outras desconheciam esse processo. Para dar início à atividade, comecei por explicar ao grupo que era possível fazer papel novo a partir de papel usado e que apenas precisávamos de poucos materiais para o construir.



Figura 5 – Realização da pasta de papel

Foram disponibilizadas folhas de jornal a cada criança e foi-lhes pedido que as cortassem as folhas aos pedacinhos. Em seguida, cada uma se dirigiu ao liquidificador e criou a sua pasta de papel. Num segundo momento da atividade, o grupo passou à moldagem da pasta de papel e



Figura 6 – Moldagem da pasta

decidiram, entre todos, que iriam criar o planeta Terra, pois era este que eles queriam salvar. Criado o molde deu-se a oportunidade de explorarem a expressão plástica, com o recurso a tintas, pintaram as suas obras.

A atividade realizou-se de forma satisfatória, envolvendo todo o grupo de crianças, que se mostrou

sempre participativo e envolvido na construção do seu objeto. Com este tipo de práticas as crianças puderam desenvolver a motricidade fina, aquando da rasgagem dos papéis e terão, também, conhecido novas potencialidades dos materiais, dando-lhes a oportunidade de explorar novas técnicas de expressão plástica. O grupo teve a oportunidade de aprender a manipular objetos diversificados, experimentando e explorando materiais novos, apoiando-se e interagindo sempre uns com os outros.

Também decorrente da observação atenta durante o estágio, relativamente ao modo como as crianças usavam os livros, e perante o entusiasmo das crianças na exploração desses materiais didáticos, surgiu a ideia para a realização de uma nova atividade. O espaço da área da biblioteca encontrava-se dividido em duas áreas distintas, a área da leitura e a da escrita, e lá estavam concentrados os mais variados livros. Surgiu assim uma proposta referente a esses materiais.



Figura 7 – Apresentação das imagens

Num primeiro momento, e com o recurso a imagens que ilustram variadas práticas que devemos assumir para transformar o ambiente num lugar melhor, introduziram-se as imagens e explicou-se ao grupo que à medida em que cada uma ia sendo apresentada, cada criança ia ter a oportunidade de expressar as suas ideias. Ao longo da exposição das figuras, num total de quinze, muitas foram as ideias e perceções expressas pelas

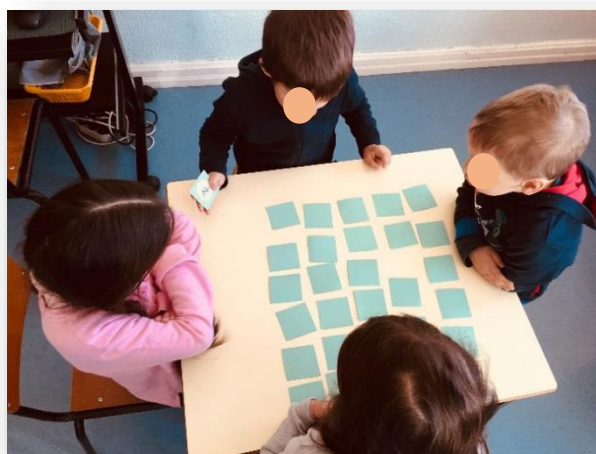


Figura 8 – Exploração do jogo da memória

crianças. As suas ideias foram sempre sendo transportadas para o papel, para que no fim se agrupassem as informações e se registassem no livro. Neste momento da atividade verificou-se a participação ativa e o empenho por parte do grupo de crianças, constatando-se o interesse de todos em comunicar as suas ideias. No final foi dada a oportunidade ao grupo de sugerirem ideias para o título do livro e a maioria escolheu o título “Como proteger o meio ambiente”.

Terminada a construção do livro deu-se um segundo momento da atividade em que se introduziu o jogo da memória, criado com as mesmas imagens que foram sendo apresentadas, anteriormente. O grupo foi dividido em seis pequenos grupos e a cada um foi disponibilizado um conjunto de cartões. Como as crianças já sabiam brincar a este jogo, rapidamente começaram a

jogá-lo. Verificou-se um entusiasmo e prazer, por parte das crianças, em realizar o jogo, mostrando-se empenhadas e interessadas em obter o maior número de cartões do baralho.

O jogo estimula e convoca o conhecimento de cada criança, desafia a experimentação, o brincar, o imaginário, as trocas de opiniões e as estratégias de resolução. As crianças não estão apenas a realizar a atividade de forma física, mas também de forma cognitiva e imaginária. Tem objetivos próprios de resolução, mas também desafia os conhecimentos das crianças. Existe a necessidade de um currículo voltado ao ensino prático reflexivo, propiciando às crianças oportunidades de experimentação, troca e construção do conhecimento.



Figura 9 – Capa do livro “O caso do saco”

A partir do interesse das crianças pela leitura de histórias, surgiu uma nova proposta de atividade voltada para o conto de uma história relacionada com o meio ambiente, que seria articulada, no final, com uma atividade de expressão plástica. Esta história apelidava-se de “O caso do Saco”, de Eric Many, e retratava a aventura de um lobo que percorria a floresta a limpar e a separar o lixo, mostrando aos outros animais como se devia tratar o meio ambiente e que nem todos os lobos são maus. Uma particularidade deste livro é que este é constituído por versos, com rimas, o que suscitou nas crianças um maior interesse ao escutarem este conto.

Num primeiro momento, à medida que ia sendo lida a história, as crianças iam repetindo as rimas, constantemente. Em seguida, foi sugerido às crianças trabalharem a sequencialização da história, com o recurso aos cartões com as imagens.

Num terceiro momento, cada criança construiu um animal da história, a seu gosto, com recurso a materiais recicláveis e reutilizáveis, como garrafas de plástico e de vidro, tampas, rolhas, entre outros. Dividiram-se, assim, os grupos pelas



Figura 10 – Sequencialização da história

mesas, onde havia diversos materiais para as crianças explorarem e manipularem, podendo escolher os que melhor se adequavam ao que pretendiam realizar.



Figura 11 – Exploração dos materiais

Neste tempo de experimentações as crianças foram mostrando entusiasmo e prazer em construir o animal, escolhendo materiais, fazendo recortes e colagens. Tornou-se um momento de pura criatividade e de liberdade de exploração, no qual o grupo realizou a atividade ao seu ritmo e sem ideias padronizadas de como executar promovendo a expressão oral e a expressão artística das crianças.

Ao lermos-lhes histórias estamos a estimular o seu imaginário e promovendo o seu reconhecimento e interpretação das experiências da vida real.



Figura 12 – Animais construídos

Através da expressão plástica a criança participa ativamente na construção do processo artístico, enquanto criadora, mas abrindo-lhe horizontes enquanto futura fruidora da arte.

Uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos. Na Educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância na formação do indivíduo, ampliando as possibilidades cognitivas, afectivas e expressivas (Fróis, 2000, p.201).

Para terminar todo este processo, inserimos uma nova atividade, dada a sua relevância: a reciclagem. Considerei que esta atividade iria complementar as anteriores propostas de atividades trabalhadas.

Como a sala de atividades já dispunha de ecopontos, construídos pelas crianças, e que estas já compreendiam as funcionalidades de cada um, foi pedido às crianças para desenharem os ecopontos numa folha e, em seguida, com recurso a revistas e folhetos, cada uma recortava

e colava, no respetivo ecoponto, os tipos de produtos que cada um pode conter, de modo a trabalharem a expressão plástica, neste caso a colagem.

Ao trabalhar propostas que envolvam a colagem e o desenho, as crianças desenvolvem a sua motricidade fina e a perceção visual. Desenvolvem, de igual modo, a sua criatividade, expressividade e autonomia. Interagindo umas com as outras, partilham o conhecimento e vêm valorizadas as soluções que, na sua perspetiva, entendem contribuir para a melhoria do meio ambiente.



Figura 13 – Exemplo de um trabalho

3.5. Avaliação da Intervenção Pedagógica

A avaliação da intervenção pedagógica é essencial em contexto de Jardim de Infância porque permite uma reflexão sobre as aprendizagens adquiridas pelas crianças, as estratégias adotadas e o papel do educador.

No decorrer de todo o projeto de intervenção pedagógica o grupo de crianças teve a oportunidade de desenvolver aprendizagens de diferentes domínios, através da exploração de materiais diversificados e de forma lúdica. Adquiriram conhecimentos ao nível das expressões, da linguagem oral e escrita, competências de formação pessoal e saberes sobre o mundo físico e social.

Ao longo da realização das propostas de atividades foram concebidos e utilizados variados materiais que ficaram disponíveis, depois, na sala de atividades, de maneira a que as crianças os pudessem usar sempre que quisessem ou necessitassem. Na apresentação desses novos materiais era visível a satisfação das crianças em manuseá-los e explorá-los, influenciando, desse modo, as interações entre as crianças.

Durante a prática pedagógica encontraram-se algumas condicionantes para a realização das atividades, nomeadamente, o elevado número de crianças da sala em que trabalhámos. Deste modo, foi necessário encontrar soluções para envolver todas as crianças, passando por criar pequenos grupos de trabalho. Constatamos, então, que em pequeno grupo conseguimos uma

maior interação e observação de cada criança, percebendo as aprendizagens vão sendo adquiridas por cada uma.

Foram desenvolvidas ligações com as famílias das crianças, já que estas estavam a par de todo o projeto de intervenção e, quando lhes era solicitada a sua colaboração, envolviam-se e cooperavam com a equipa educativa. É neste sentido que Barradas (2012) afirma que o envolvimento parental é um fator de qualidade para o sistema educativo e, conseqüentemente, um instrumento básico de cidadania, de liberdade e de responsabilidade.

Em síntese, os objetivos propostos para a valência de Jardim de Infância, no geral, foram alcançados de forma positiva, dado que todas as práticas propostas proporcionaram às crianças a possibilidade de explorarem eficazmente todos os materiais, desenvolvendo assim novos conhecimentos e competências, como pudemos observar e escutar através dos seus comentários ao longo de todo o processo de intervenção.

Sendo as propostas de atividade concretizadas, maioritariamente, em grupos, houve uma maior interação entre as crianças, havendo um sentimento de interajuda e de cooperação entre elas, estabelecendo-se, assim, relações mais positivas.

Capítulo IV – Reflexão Final

Neste ponto pretende-se refletir acerca da ação educativa desenvolvida e trabalhada ao longo da prática de estágio supervisionada, evidenciando a aprendizagem ativa e o desenvolvimento do grupo de crianças, bem como o nosso progresso profissional. A prática de intervenção pedagógica realizada em contexto de Jardim de Infância permitiu integrarmos uma equipa educativa, contactar com a sua rotina e desenvolvermos, nós próprias, as práticas de intervenção pedagógica.

Pudemos observar, vivenciar e refletir acerca da atividade educativa e das metodologias adotadas, procurando obter diversas formas de compreender como trabalhar com as crianças e ajudá-las na aquisição das suas aprendizagens e conhecimentos. Proporcionou também a aplicação de conhecimentos já adquiridos ao longo do nosso percurso académico, ajudando-nos a conceber e implementar um projeto de intervenção pedagógica sustentado pela observação, planificação, ação e reflexão de cada intervenção.

No decorrer desta formação foi possível compreender o quão desafiante é ser educadora de infância, percebendo a importância de refletir sobre aspectos como: o grupo de crianças, o contexto, o espaço e os materiais, as interações e as aprendizagens obtidas no decorrer das experiências realizadas durante o projeto. Através das práticas desenvolvidas compreendi a relevância que a organização da rotina reúne e a importância que existe entre as interações entre o adulto e a criança, no sentido de conhecer melhor cada criança e compreender os seus interesses e necessidades. Como educadora devemos ter sempre em consideração as necessidades das crianças e a importância que estas têm no processo de ação pedagógica. Deste modo, é essencial respeitar as suas ideias e atender aos seus interesses e individualidades.

Ao aplicar os nossos conhecimentos nas diversas áreas, procurámos fazer, sempre, uma reflexão final sobre o nosso desempenho ao longo do processo da prática de intervenção pedagógica implementada. É essencial investigar antecipadamente as dificuldades ou preferências das crianças, refletir acerca delas e, a partir daí, trabalhar com elas, cooperando e permanecendo sempre acessível e disponível para elas.

Os objetivos definidos inicialmente foram concretizados, podendo afirmar que as crianças aprenderam ativamente, envolvendo-se na exploração e na manipulação de materiais, comunicando, das mais variadas formas, o prazer da vivência de novas experiências. Todas essas experiências, em diversos domínios, contribuíram positivamente para o desenvolvimento da sua capacidade de tomada de decisões e resolução de problemas, bem como para o bom relacionamento entre todas.

Em termos de limitações, a gestão do grupo de crianças foi considerada uma dificuldade, em particular nas atividades de grande grupo, dado o elevado número de crianças. Uma vez que as propostas exigiam uma interação integral com as crianças, tornava-se difícil registar os momentos de cada experiência.

Toda esta fase de formação permitiu-nos também observar e trabalhar com diversos educadores e docentes e, cada um deles, auxiliou-nos e testou-nos, ajudando-nos a perceber o futuro em termos de prática profissional e a empregar os novos conhecimentos adquiridos. Cada um teve um papel significativo na nossa formação, respeitando sempre as nossas ideias e dando sugestões e conselhos durante o nosso percurso académico.

O estágio desempenhou, assim, um papel significativo ao revelar que o educador precisa de arranjar soluções e respostas para todas as etapas, pois durante todo o trabalho desenvolvido com crianças, irá encontrar crianças com dificuldades, tendo, por isso, de encontrar estratégias para que tudo possa correr de forma adequada. Permitiu-nos constatar quais as nossas dificuldades em realizar algumas atividades e tentar procurar explicações e soluções para essas dificuldades. É importante que nos sintamos envolvidos com todo o processo de ação pedagógica, pois é perante a necessidade de tomada de decisões, em diversos momentos e relativamente a diferentes domínios e situações significativas, que surge a nossa capacidade de inovar, criar e de improvisar.

Relativamente à interação entre adulto-criança, esta foi das maiores aprendizagens enquanto estagiária, pois esta foi-se construindo ao longo do tempo. No início, as crianças por não nos conhecerem, estranhavam a nossa presença, mas aos poucos foi possível criar um clima de confiança mútua. É essencial apoiar e atender as crianças na suas diversas fases, inculcando-lhes confiança e tentando que ganhem autonomia, estando atentos, sempre, aos seus problemas ou interesses. Estabelecer uma relação de respeito e de comunicação com as crianças ajudou-nos a criar uma relação de afetividade e de carinho com elas. O seu interesse e a satisfação em participar ativamente em todo o processo de intervenção pedagógica e o respeito que procurámos ter, em todos os momentos, pela individualidade de cada uma, escutando-se e envolvendo-as no processo, de forma construtiva, permite-nos fazer uma avaliação muito positiva da nossa prática de intervenção pedagógica.

Referências Bibliográficas

Azevedo, A. (2009). *Revelando as aprendizagens das crianças: a documentação pedagógica*. Tese de Mestrado em Educação de Infância. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

Barradas, M.T.C. (2012). *Envolvimento parental e sucesso escolar estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa. Portugal

Bigliardi, R. V.; Cruz, R. G. (2008). "Currículo Escolar, Pensamento Crítico e Educação Ambiental". In, Revista eletrônica mestrado em educação ambiental. Rio Grande do Sul. v.21, p.332-340.

Craidy, Carmem Maria. Kaercher, Gládis Elise P. da Silva. (2001). *Educação infantil: pra que te quero?*. Porto Alegre: Artmed.

De Castro, R. (1998). *Participación y voluntariado ambiental. Características y potencialidade*. En voluntariado ambiental. Participación y conservación del medio ambiente. Sevilla: Junta de Andalucía. Consejería de Medio Ambiente.

Galvão, C., Reis, P., Freire, A.& Oliveira, T. (2006). *Avaliação das Competências em Ciências*. Lisboa: Edições Asa

Giordan, A & Souchon. C (1997). *La Educación Ambiental: guía práctica*. (2ª edição). Sevilha: Diada Editora

Glauert, E. (2005). *A ciência na educação de infância*. Em I. Siraj-Blatchford (Coord.),

Hohmann, Mary & Weikart, David P. (2003). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, Mary, & Weikart, David P. (2011). *Educar a criança* (6ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jacobi, P. (2003). *Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade*. Caderno de pesquisa, vol. 113: p. 192. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

Mongensen, F., Mayer, M., Breiting, S., Varga, A. (2009). *Educación para el desarrollo sostenible. Tendencias, divergencias y criterios de calidad*. Editorial GRAÓ.

Moscovici, S. (1976). *Social Influence and Social Change*. Academic Press. Londres

Mrazek, R. (1993). "Through Which Looking Glass? Defining Environmental Education Research. Alternative Paradigms". In, Environmental Education Research. NAAEE, Troy. Ohio

Oliveira-Formosinho, J. & Formosinho, J. (2013). "A perspectiva educativa da Associação Criança: A Pedagogia-em-Participação". In, J. Oliveira-Formosinho, *Modelos Curriculares para a Educação de Infância. Construindo uma práxis de participação* (4.ª Ed.) (pp. 25-60). Porto: Porto Editora.

Reis, P.R. (2008). *Investigar e descobrir: actividades para a educação em ciência nas primeiras idades*. Chamusca: Cosmos.

Santos, V. M. N. (2011). *Educar no Ambiente: construção de olhar geocientífico e cidadania*. São Paulo: Annablume.

Segura, D. S. B. (2001). *Educação Ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 214p.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., Rosa, M., (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Ministério da Educação/Direção Geral de Educação (DGE).

Sutherland, D. S e Han, S. H. (1992). "Child-to-parent transfer of environmental ideology in Costa Rican families: an ethnographic case study". In, Journal of Environmental Education. Vol.23